

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA POESIA BRASILEIRA

Israela Débora Sousa Silva¹

Ellen Vitória Sousa Silva²

Erik Henrique Silva Furtado de Miranda³

Orientadora: Cláudia Lúcia Alves⁴

RESUMO

Na sociedade ouvinte, existe uma considerável variedade de estereótipos a respeito do sujeito surdo e da língua de sinais, de modalidade visuogestual. Alguns desses estereótipos são difundidos para além do âmbito social, alcançando também o meio acadêmico. Os “mitos” geralmente associados às línguas de sinais fomentam a desigualdade e o preconceito a respeito de uma minoria surda. Diante disso, torna-se necessário enfatizar o status linguístico da Língua Brasileira de Sinais, no âmbito acadêmico. A demonstração desse fato se dá pela observação de sinais que sofrem variação em sua base paramétrica a depender do contexto e da região onde ele é realizado, um grupo amostral de sinais utilizados propriamente para se referir a literatura e poesia serão utilizados na análise. Com base na teoria variacionista que indica a mudança de uma forma para outra, sendo classificada em diversas categorias de variação, como variação diafásica, variação diatópica, entre outras. Para contemplar a variação na língua de sinais, um grupo de sinais foi utilizado de uma determinada região e comparado a sinais de outras regiões, destacando a variação existente na Libras. Dessa forma, o objetivo deste estudo é evidenciar o fenômeno variacionista (que está presente em todas as línguas naturais) na Língua Brasileira de Sinais no que se refere a poesia brasileira. Para o desenvolvimento da pesquisa, serão utilizados: Quadros e Karnopp (2004), Capovilla (2019), Gesser (2009) e Coelho (2018). A pesquisa supracitada faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvido em uma universidade pública da cidade de Imperatriz-Ma, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho descritiva cujo dados estão em fase de observação e análise.

Palavras-chave: Libras, Variação Linguística, Base Paramétrica.

INTRODUÇÃO

Existe na sociedade ouvinte, em particular, na sociedade brasileira, alguns mitos a respeito da língua de sinais, de modalidade visuoespacial. Esses mitos ou estereótipos fincados na mentalidade social são resultado de um longo processo histórico, que por muito tempo, marginalizou e excluiu a comunidade surda e a língua de sinais, LS⁵.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, e-mail: israela.silva@uemasul.edu.br;

² Graduanda do Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, e-mail: ellen.silva@uemasul.edu.br;

³ Graduando do Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, e-mail: erik.miranda@uemasul.edu.br;

⁴ Professor orientador: Cláudia Lúcia Alves, Doutora Em Educação (UFPI). Professora titular do Curso de Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa e Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLe) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. E-mail: claudia.alves@uemasul.edu.br;

No Brasil, assim como em outros países do mundo onde há comunidades surdas e idiomas de modalidade visuoespacial, nem sempre foi reconhecida a naturalidade e arbitrariedade da língua brasileira de sinais, a Libras. Utilizada pelos surdos como meio de comunicação mais adequado a condição e funcionamento do sistema auditivo do indivíduo, foi por muitas vezes negada ao sujeito surdo, enquanto ser social e cultural, segundo Gesser (2009, p. 25). Sujeitando-o ao tratamento exclusivo, que compromete a interação e expressão do surdo enquanto ser humano, dotado de habilidades e capacidades sociocomunicativas.

No limiar do recorte histórico brasileiro, existiu (e existe) uma luta de comunidades surdas e de representantes educacionais, que reconheciam a necessidade da Libras como língua ideal de interação do surdo com a sociedade. Ela data do período imperial brasileiro, 1857, e tem como representante principal o surdo francês Ernest Huet. A partir desse momento, conforme Gesser (2009, p. 37), a libras passou a ser objeto de disputa, no que tange a educação dos surdos, por intermédio de Huet, que funda o Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES.

Mas, é somente em 2002, após um século de processos, que a Libras é reconhecida como uma língua no Brasil, até então considerada uma forma inferior de comunicação, pobre e sem complexidade estrutural. Diante disso, percebe-se o longo processo que perpassou do século XIX até o século XX, para que a libras fosse reconhecida como meio legal de expressão e comunicação no Brasil. Isso significa que ainda há muitas ideias a serem combatidas, visto que a lei nº 10. 436 de 24 de abril de 2002 é nova, quando comparada aos velhos mitos que foram fincados e repercutidos durante um século na mentalidade social brasileira.

Dessa forma, uma luta pelo reconhecimento e difusão dos aspectos da Libras na mentalidade popular dos brasileiros, é um dos maiores objetivos dos pesquisadores e estudiosos da Libras, como também da comunidade surda no Brasil e mundo. Visto que, há uma necessidade em enfatizar aquilo que já deveria estar claro aos sujeitos ouvintes, porquanto, ainda existe na lógica de mundo uma ideia retrograda e ofuscada que delimita a língua como sistema unicamente oral/auditivo.

A libras é uma língua complexa como qualquer outra língua natural existente, portanto, faz-se necessário a seleção de alguns aspectos que tornam essa língua um objeto de estudo da linguística e da sociolinguística. Dentre eles estão o aspecto fonético e fonológico e o aspecto variacionista, analisados no decorrer da pesquisa. De acordo com Stokoe (1960 *apud* Quadros e Karnopp 2004, p. 30), os sinais não são imagens, “mas

símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior” e possuem partes independentes que não apresentam significado isoladamente, são eles, configuração de mão, localização e movimento, assim como os fonemas das línguas orais/auditivas, conceituados por ele como “quiremas”.

Mais tarde, outras unidades formacionais foram adicionadas por Bartison (1978 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 32), ao sistema fonético das línguas de sinais, essas unidades adicionais são, a orientação da mão e o aspecto não manual, as expressões faciais. Constituindo, dessa forma, aquilo que Chomsky (1957) definiu como língua natural, “conjunto de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos.”

Salienta-se, ainda, que, além de possuir unidades mínimas de combinação formadoras de sentido, há também a arbitrariedade convencional a cada idioma, que se funde ao aspecto natural e variacionista da língua, porque “cada língua pode abordar um aspecto visual diferente em relação, por exemplo, ao mesmo objeto, diferenciando a representação lexical de língua para língua (Quadros e Karnopp, 2004, p. 32). Isso explica por que alguns objetos possuem o mesmo referencial, mas o item lexical desenvolvido é próprio da região ou da interação comunicativa, tornando menos icônica a relação entre sinal e significante.

Diante disso, a variação é identificável quando um ou mais parâmetros contrastam, mantendo, todavia, o mesmo significado. É interessante observar que em tais casos, ocorre o fenômeno de variação linguística, que, segundo Coelho *et al* (2015, p.), é quando duas ou mais formas disputam pelo mesmo significado. Contrário a esse fenômeno, existe a alteração de significados quando ocorre a troca de algum par mínimo, não podendo haver fusão entre tais ocorrências na análise sociolinguística.

A variação fonológica, é perceptível quando há uma alteração entre os fonemas de uma palavra, na língua de modalidade oral/auditiva é possível identificar a variação fonológica em casos de *despalatatização*, *ex: palha e paia*, exemplo retirado de Coelho *et al* (2015, p. 25), redução do fonema <lh> para o fonema <l>, entre outros. Na língua de sinais, a variação fonética também ocorre quando há a alteração de fonemas. Exemplo: a troca de uma configuração de mão por outra, o ponto de articulação, movimento, orientação, ou mesmo as expressões não manuais.

Da mesma forma, fenômenos de variação lexical e morfológica também puderam ser identificadas e analisadas no decorrer do trabalho, a variação lexical ocorre quando a palavra muda completamente, mantendo, contudo, o mesmo significado. A variação

morfológica é visível na inserção de morfemas, unidades mínimas de significado, na formação de outra palavra, como também na queda, supressão ou alternância de morfemas, que configuram uma nova forma, e na língua de sinais, um sinal variável, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 87) e Coelho *et al* (2015, p. 27).

O problema, portanto, são os mitos ainda existentes na mentalidade social a respeito da Libras, quatro deles serão apresentados no intuito de comprovar a sua falseabilidade. Para isso, uma análise das variações linguísticas dos sinais-termos da poesia e da construção poética se constitui como prova cabal e empírica de que tais mitos devem ser abomináveis perante a sociedade ouvinte. A análise da variação será feita em dois sinais-termos, escritor e poema/poesia. Aparentemente um trabalho simples quando percebido pelo viés quantitativo, contudo, um trabalho rigoroso quando percebido pelo viés qualitativo, da identificação, descrição e análise.

Assim, um estudo focado em analisar e descrever aspectos da estrutura interna de uma língua visuoespacial, objetiva contribuir significativamente na desmistificação de mitos que supõe uma certa simplicidade/artificialidade na língua de sinais. Inferindo resultados que confirmam a assertiva de que a surdez é definida a partir de aspectos culturais e, principalmente, linguísticos. Essa assertiva é fundamental quando se propõe a construção de um glossário regionalizado, o que contribui significativamente para o fortalecimento da cultura e identidade da comunidade surda e da sua língua na cidade de Imperatriz-MA.

METODOLOGIA

O processo de análise dos sinais-termos da língua brasileira de sinais, especificamente no âmbito da literatura em sinais se deu da seguinte maneira: (a) alguns sinais-termo da literatura em sinais foram coletados na cidade de Imperatriz-MA, mediante pesquisa de campo; (b) a coleta dos sinais-termo tinha como pré-requisito, a elaboração de uma lista de algumas palavras do léxico literário, focados na construção poética, para, em seguida, perguntar aos surdos da região como era feita a sinalização do termo, com o intuito de identificar possíveis diferenças regionais para a análise sociolinguística.

A coleta dos sinais constituiu a primeira etapa do projeto, e foi realizada em um momento anterior por outras bolsistas envolvidas no andamento do projeto que tem como finalidade a construção de um glossário regional. Dessa forma, os sinais-termo coletados

anteriormente, forneceram material etnográfico para a etapa atual, de análise dos dados mediante comparação, descrição e análise.

Os sinais coletados passaram por alguns processos de categorização, sendo eles: palavras/sinais validados em Imperatriz-MA que não constam no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos, de Capovilla *et. al* (2017); palavras/sinais validados em Imperatriz que constam no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos, de Capovilla *et. al* (2017); e palavras/sinais usados em Imperatriz-MA, que sofrem variações linguísticas regionais e que constam no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos, de Capovilla *et. al* (2017).

Assim, a segunda etapa do projeto, a análise dos dados, se deu baseada na terceira categoria de sinais coletados em Imperatriz-MA, os sinais que sofrem variação linguística e que constam no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos, de Capovilla *et. al* (2017). Essa etapa teve como pressuposto o estudo da teoria variacionista proposta por Willian Labov, explicitada na obra introdutória *para conhecer a sociolinguística* de Coelho *et. al* (2019). Em seguida, foram contabilizados os sinais que sofriam variação, resultando um total de dois sinais, (I) escritor e (II) poema/poesia.

Os sinais (I) e (II) foram desconstruídos em partes constituintes, cada sinal é composto por cinco parâmetros, como já supracitado: configuração de mão (CM), ponto de articulação ou locação (PA), orientação da mão (O), movimento (M), e expressões não manuais (ENM). Em seguida, cada parâmetro identificado foi comparado ao parâmetro dos sinais correspondentes de outras regiões encontrados no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos, de Capovilla *et. al* (2017).

Essa etapa possibilitou a identificação das variantes presentes em cada sinal, e deu bases para a confirmação da asserção principal do projeto, a análise das variações. O método de comparação foi possível após a descrição dos sinais-termos, dissecados anteriormente e desconstruídos em partes constituintes. Esse método de identificação e descrição dos parâmetros foi realizado mediante conceitos e terminologias utilizadas na obra basilar de Quadros e Karnopp (2004) e na tese de doutorado de Nascimento (2009), sintetizando como metodologia a pesquisa bibliográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

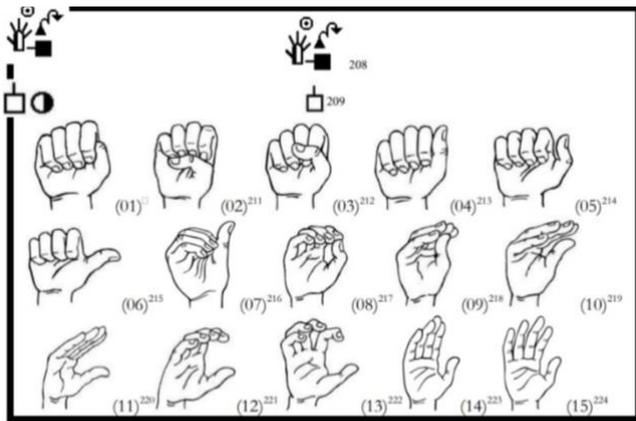
Percebeu-se, ao longo do processo de análise de sinais-termos da poesia brasileira que sofrem variação linguística que, é possível, tal como nas línguas orais/auditivas,

encontrarmos variações nos variados níveis no léxico de Imperatriz-MA. Podendo haver variação lexical, especialmente, o que refuta primordialmente o mito de que a língua de sinais é universal ou um código criado pelos surdos. E reforça a premissa da construção de um glossário que fortaleça o aspecto cultural e identitário da comunidade surda supracitada.

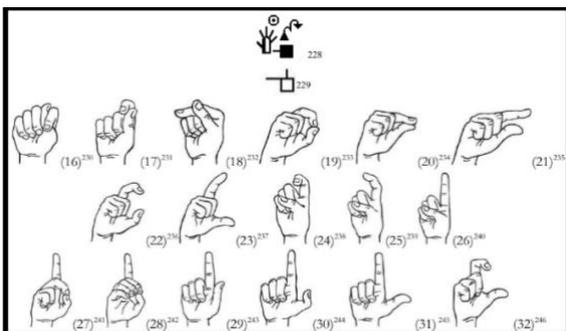
Outro tipo de variação encontrada é a fonológica, visto que, a língua de sinais é dotada de uma configuração interna, caracterizadora de sua estrutura, os cinco parâmetros. Estes, tal como os fonemas da língua de modalidade oral/auditiva apresentam em conjunto a significação total do sinal, quando há a alteração na forma de um fonema, sem, contudo, haver a mudança de significados têm-se o alofone, encontrado com frequência na análise dos sinais.

A variação morfológica encontrada no acréscimo de morfemas para a completude do sentido do sinal-termo demonstra que a gramática da língua de sinais também faz empréstimos e anexações no que diz respeito a combinação de sinais para formar palavras. Vale, contudo, ressaltar que, a maneira como isso é realizado na língua de sinais é diferente da maneira como a língua oral o faz.

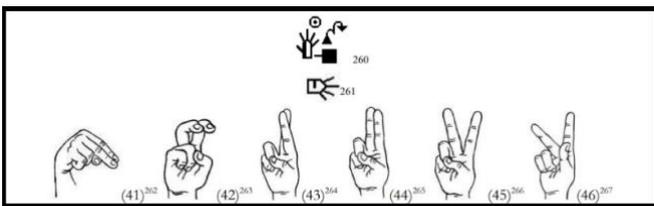
As configurações de mão existentes utilizadas nesse trabalho, baseiam-se na tese de doutorado de Nascimento (2009), que possui um total de 75 configurações de mãos. Identificou-se as seguintes configurações de mãos presentes nos sinais-termos de escritor e poema/poesia:



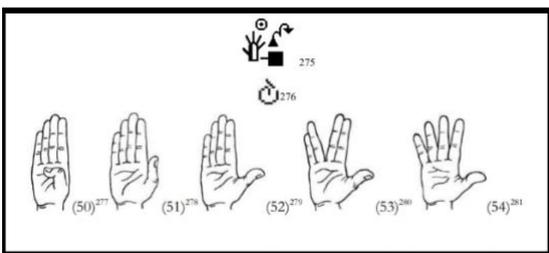
Quadro 33 – Grupo 1 de Configurações das Mãos²



Quadro 34 – Grupo 2 de Configurações das Mãos²¹



Quadro 36 – Grupo 4 de Configurações das Mãos²⁴

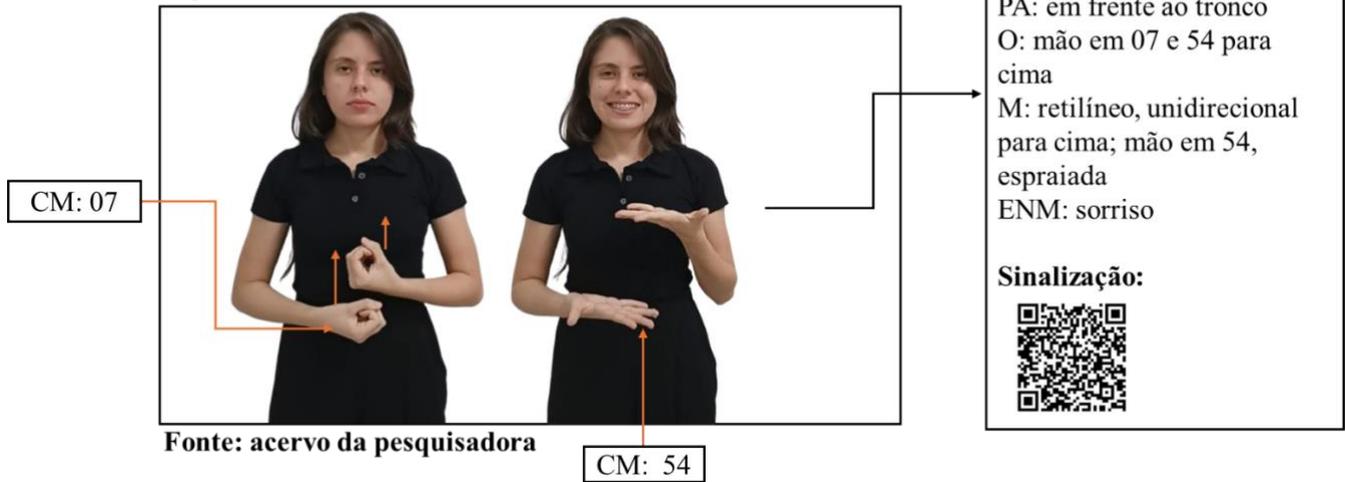


Quadro 38 – Grupo 6 de Configurações das Mãos²²

Quadro adaptado de Nascimento (2009, p. 164)

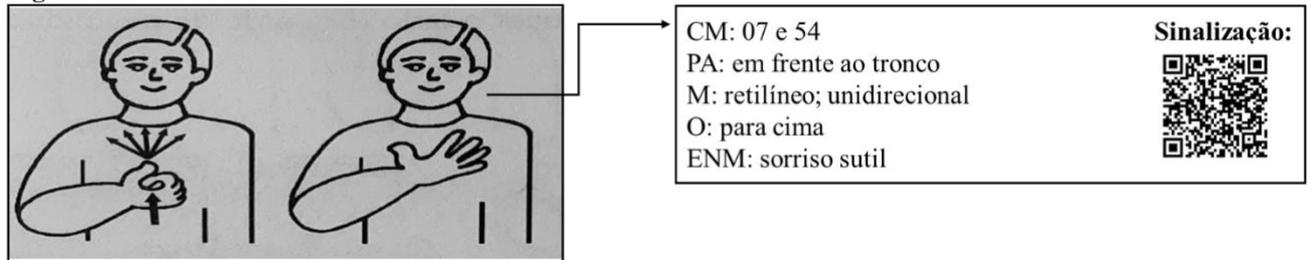
1. Sinal-termo de poema/poesia coletado em Imperatriz-MA

Figura 01



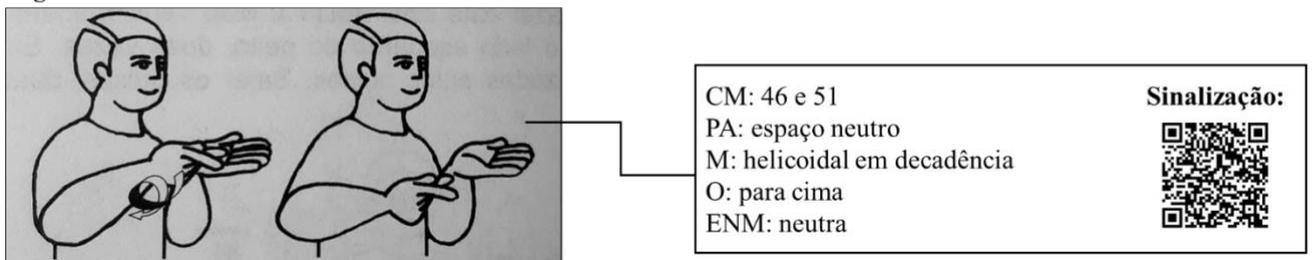
2. Sinal-termo de poema/poesia encontrado no Capovilla et. al (2017)

Figura 02



Sinal usado em: RJ, CE, RS

Figura 03



Sinal usado em: SP, CE, RS

ANÁLISE:

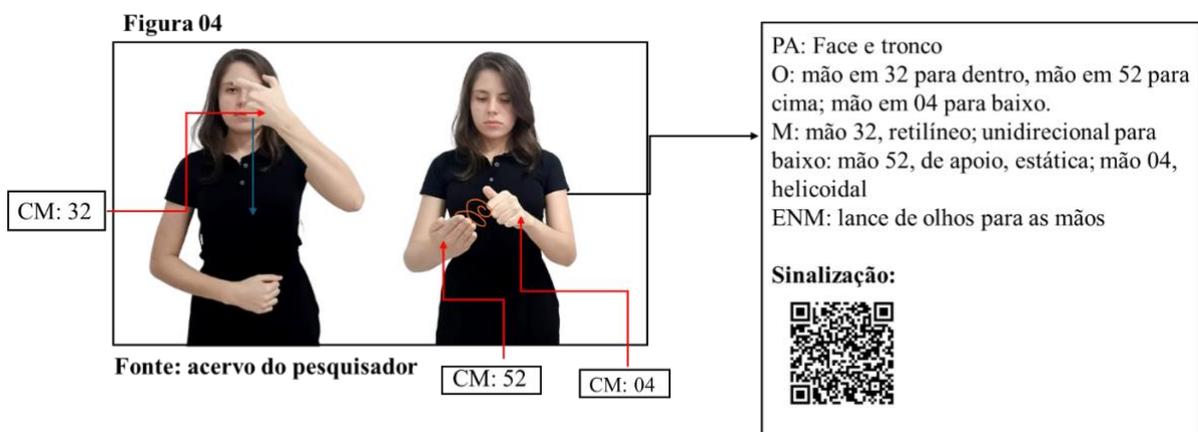
Primeiramente, o processo de comparação entre os sinais-termos de poema/poesia possibilitou a identificação de alguns fenômenos de variação linguística. As configurações de mão da figura 01 são semelhantes as configurações de mão da figura 02, contudo, existe uma pequena diferença no posicionamento do polegar da CM 07,

enquanto na figura 02 ele permanece com a ponta levantada, na figura 01 ele encontra-se deitado, podendo ser considerado um alofone, assemelhando-se ao sinal de S.

Entre a figura 01 e 02 houve o acréscimo de uma mão, enquanto em RJ, RS e CE a realização do sinal é feita com apenas uma mão, em Imperatriz-Ma o mesmo é realizado com duas mãos, isso pode ser configurado como variação fonológica, visto que o fonema CM do sinal foi acrescentado, podendo ser equivalente aos fenômenos de acréscimo das línguas naturais, o efeito da utilização das duas mãos expressa maior ênfase e maior expressão, isso pode estar atrelado ao próprio significado do sinal que é a ação de expressar-se por intermédio da poesia.

Em segundo lugar, ao comparar a figura 01 à figura 03, podemos notar uma variação lexical, pois existe uma notável diferença entre os sinais, um sinal que se opõe visivelmente nos parâmetros da CM 07, pertencendo a um grupo mais distante de CMs, a CM 46 é o sinal de P, no alfabeto datilológico, representando a letra “p” de poesia, o movimento helicoidal é o parâmetro que lhe confere uma certa abstração, possibilitando uma ideia de ação de escrever poesia ou pensar poesia, um ato espiral.

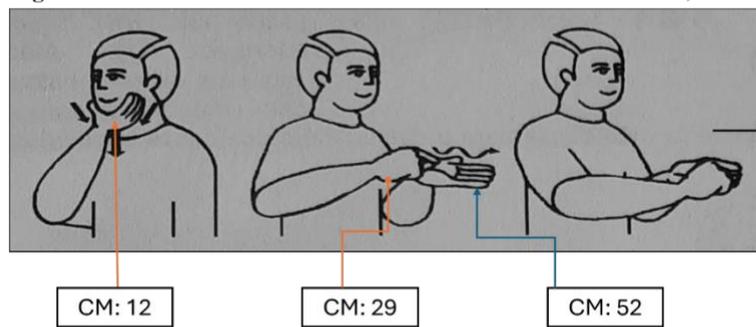
3. Sinal-termo de escritor coletado em Imperatriz-MA



1. Sinal-termo de escritor encontrado no Capovilla et. al (2017)

Figura 05

Sinal usado em: RJ, RS



PA: queixo e espaço neutro
 O: mão 12, para cima; mão 29, para baixo; mão 52, de apoio, para cima
 M: mão 12, retilíneo, unidirecional para baixo; mão em 29, helicoidal, tocando a mão 52; mão 52, estática.
 ENM: face neutra

Sinalização:



ANÁLISE:

Existe na parametrização do sinal escritor, tanto na figura 04, como na figura 05, dois morfemas significativos, na figura 04, a CM 32, orientada para dentro, pode ser uma variante do morfema “pessoa”, enquanto a CM 12 da figura 05, é o morfema “homem”. Dessa forma, temos nesse fenômeno a variação morfológica, justificada pela alteração dos morfemas “pessoa” e “homem”. Além disso, em Imperatriz-MA foi identificado uma outra variante para o sinal de escritor, esse outro, todavia, não apresentava a CM 32 da figura 04, sendo sinalizado apenas com as duas outras CMs, 04 e 52 do sinal da figura 04.

É interessante notar as possibilidades na realização de um mesmo sinal, existe nesse processo de variação do sinal escritor, uma variável que disputa por duas variantes, a que possui o morfema “pessoa” e a que não possui esse morfema, sem, contudo, haver mudança no significado da palavra, mas havendo uma especificação maior, em função dos morfemas acrescentados.

Além disso, nota-se que as CMs 04 e 29 diferem completamente, mas o movimento helicoidal é mantido, e lembra muito a ação de escrever e de pensar, a mão de apoio se mantém em ambos os sinais, é o parâmetro comum que os torna passíveis de comparação, mas que também pode ser classificada como variação lexical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação linguística é um dos eixos fundamentais que formam a proposição de que as línguas naturais são sistemas organizados, dotados de regras categóricas e variáveis. Há um amplo desenvolvimento em pesquisas nessa área, visto que, existe um interesse do estudante e pesquisador da língua em identificar padrões e regras que sejam comuns à outras línguas, e que possibilite uma visão panorâmica do conjunto de

elementos complexos que norteiam o funcionamento da língua. Entretanto, as pesquisas e análises fornecem muito conhecimento a respeito das línguas de modalidade oral/auditiva, havendo ainda a necessidade de se pesquisar mais em função das línguas de modalidade visuoespacial, o foco central desta pesquisa.

Dessa forma, afirmar e demonstrar a possibilidade de uma análise linguística e sociolinguística na língua brasileira de sinais é um avanço no que tange ao conhecimento específico do sistema comum que rege as línguas naturais. A presença de variedades regionais e variações nos níveis lexicais, fonológico e morfológico, exprimem que ainda há muito mais a ser pesquisado e analisado para haver a criação de termos específicos para analisar as variações nessa língua tão rica e complexa.

O foco em uma área específica da língua, como a poesia, é um avanço em termos de se utilizar para a pesquisa o âmbito abstrato, que possibilite uma visão dupla do estudo em questão, a complexidade e abstração das línguas de sinais. Havendo dois caminhos possíveis para o estudo da língua, que se fundem no processo de construção do glossário de sinais-terminos da cidade referente.

A complexidade existente na língua de sinais é um fato que precisa ser mais estudado e difundido, dessa forma, atrelar a complexidade das línguas de sinais, que diz respeito a estrutura e a gramática da língua, à abstração, no que tange a poesia e a produção de conteúdo em literatura de sinais, é um trabalho exaustivo e que demanda dedicação.

A linguística e sociolinguística são eixos fundamentais quando o assunto é analisar fenômenos de variação linguística, apesar de que a maioria dos estudos de variação linguística estejam voltados para as línguas de modalidade oral/auditiva, percorrer o caminho da observação, descrição e comparação dos sinais na língua de sinais é um trabalho mais cauteloso ainda. Existem muitos termos e definições para a os estudos no português brasileiro, contudo, durante a pesquisa de material, houve uma certa dificuldade no que diz respeito a materiais específicos para a análise das variações em línguas de modalidade visuoespacial.

Assim, notou-se a carência em áreas mais complexas e específicas de estudo para a língua de sinais, que ultrapassem a variação meramente regional. Ainda que o foco de estudo desse trabalho seja a composição de um glossário com sinais-terminos da região, é necessário atentar-se também para os outros níveis de variação possíveis, tais como variação discursiva, sintática entre outras.

Em síntese, esse trabalho possibilitou uma imersão profunda nos aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais, a base teórica utilizada permitiu uma grande progressão de conhecimento em relação a desmistificação de muitos mitos internalizados na mentalidade social, o que inclui, muitas vezes, a mentalidade acadêmica. Estudar a sistematicidade da língua de sinais e a sua abstração, foi um trabalho enriquecedor e que possibilitará novos trabalhos e interações entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte. Possibilitando, assim, a difusão da proposição mais assertiva quando o assunto é língua de sinais, a surdez é definida por aspectos culturais e linguísticos e não por aspectos deficitários.

REFERÊNCIAS

CAPOVILA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos** – 1. ed. 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. 1024 p.: il.; 21,5 x 28 cm. Conteúdo: v. 2 – Sinais de E a O.

CAPOVILA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos**. – 1. ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. 896 p.: il.; 28 cm. Conteúdo: v. 3 – Sinais de P a Z

COELHO, Izete Lehmukuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de.; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MOLLICA, Cecilia Maria (Org.). Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2020. cap.1, p. 9-14.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 209f. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, Willian C.; CASTERLINE, Dorothy C. e CRONEBERG, Carl G. **A dictionary of american sign language on principles**. New Edition. Listok Press. 1976.

